

Dívida pública pode ficar acima da meta

Alta do dólar faz com que endividamento este mês chegue a 62% do PIB

Editoria de Arte

Enio Vieira

• **BRASÍLIA.** A forte alta do dólar deverá fazer com que a dívida líquida do setor público (União, estatais, estados e municípios) fique, em setembro, na marca de 62% do Produto Interno Bruto (PIB) — mesmo patamar de julho — após ter caído para 58,3% no mês passado. Se a dívida permanecer nos 62% do PIB (soma das riquezas e serviços produzidos pelo país), o endividamento chegará a R\$ 830 bilhões, superando a meta de R\$ 810 bilhões acertada para o mês com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

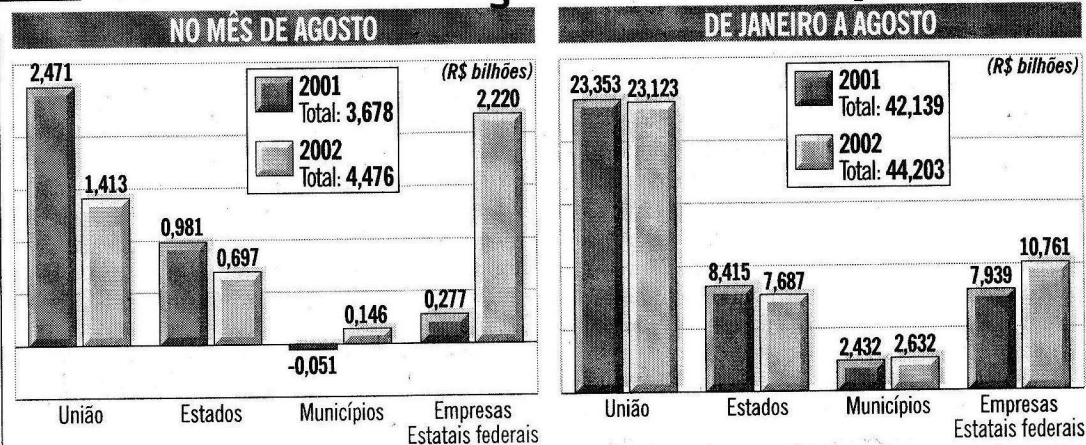
O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, disse ontem que essa previsão para o endividamento em setembro considera a cotação de R\$ 3,55 para o dólar, registrada no último dia 20. Altamir, no entanto, frisa que a superação da meta com o Fundo não tem qualquer consequência prática que impeça, por exemplo, o saque de novas parcelas do acordo de US\$ 30 bilhões com o Brasil. A meta de dezembro é de R\$ 830 bilhões.

BC trabalha com previsão de queda nas cotações

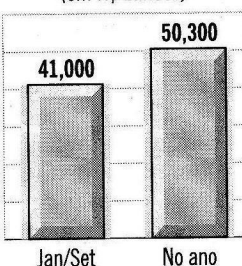
Segundo Altamir, a dívida líquida atingiu R\$ 784,1 bilhões em agosto, com o dólar tendo encerrado o mês em R\$ 3,02. Houve uma queda em relação aos R\$ 819,4 bilhões em julho (61,9% do PIB), que havia sido o recorde durante o governo Fernando Henrique Cardoso.

— O efeito do câmbio na dívida é muito forte e os movimentos de alta e baixa no endividamento seguem as oscilações do câmbio. A dívida líquida caiu em agosto, porque

Como foi a evolução das contas públicas



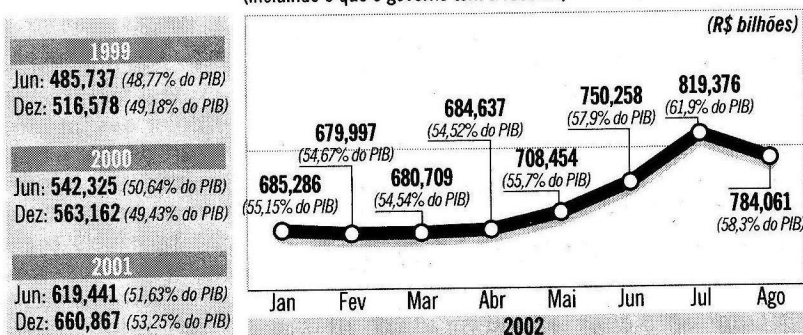
METAS DE SUPERÁVIT PRIMÁRIO COM O FMI EM 2002*



* Resultado primário, sem considerar os juros da dívida

DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO

(incluindo o que o governo tem a receber)



a valorização do real foi de 11,85% no mês, provocando um impacto de R\$ 46 bilhões — disse Altamir Lopes.

A dívida bruta — que não considera os ativos do setor público — foi a R\$ 1,051 trilhão em agosto (78,1% do PIB), contra R\$ 1,097 trilhão em julho (82,9% do PIB).

— Uma cotação de R\$ 3,15 daria para cumprir essa meta de R\$ 830 bilhões com o FMI, que é apenas indicativa — avaliou Altamir.

O efeito da variação do câmbio pode ser medido na comparação com o volume de juros efetivamente pagos nos últimos

12 meses. De setembro de 2001 a agosto 2002, o impacto da alta do dólar no total da dívida foi de R\$ 89,052 bilhões e os juros pagos, de R\$ 60,689 bilhões. Por isso, o Banco Central trabalha com projeções de quedas na cotação da moeda americana que viriam a aliviar a pressão sobre o endividamento do setor público.

O efeito cambial na dívida foi de apenas R\$ 18,345 bilhões ao longo de todo o ano de 2000, quando a desvalorização do real foi de 11%, e de R\$ 37,815 bilhões (variação cambial de 18%) em 2001.

A cotação do dólar já variou

63% em 2002, que começou com o câmbio a R\$ 2,32. O Tesouro Nacional tem R\$ 153,2 bilhões em títulos cambiais, ou 24,6% da dívida mobiliária. Existem outros R\$ 64,8 bilhões em contratos de *swap* na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). Além desses dois itens, a dívida externa líquida (descontadas as reservas internacionais do BC) soma R\$ 186,6 bilhões. Ou seja, 51,6% da dívida líquida do setor público são corrigidos pela variação do dólar. De outubro a dezembro de 2002, estarão vencendo R\$ 26,628 bilhões em títulos cambiais. ■

25 SET 2002